

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛

𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳

MHNIN AEIDE ΘEA ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Director:

JOSÉ AUGUSTO RAMOS

FLUP - BIBLIOTECA
Periódicos



947852



93(05)
Cad.

<i>Leandro Mendonça Barbosa</i>	
O demagogo e o homem providencial: Pisístrato pelas <i>Histórias</i> , de Heródoto	167
<i>Thomas J. Figueira</i>	
The Athenian <i>naukraroi</i> and archaic naval warfare	183
 Notas e comentários	
<i>Isabel Castanhito de Almeida</i>	
Um olhar sobre a revista <i>Cadmo</i> : história e estatística	213
<i>José Manuel Marques</i>	
Dioniso, o senhor do imponderável.....	233
<i>Luís Manuel de Araújo</i>	
Christiane Desroches-Noblecourt <i>In memoriam</i>	241
<i>José Augusto Ramos</i>	
Elena Cassin, em gloriosa memória	245
<i>Nuno Simões Rodrigues</i>	
Jacqueline de Romilly <i>In memoriam</i>	247
 Recensões	 251

«O PORTAL DOS SACERDOTES» : UMA LEITURA COMPREENSIVA DO ESPÓLIO DE BAB EL-GASSUS

ROGÉRIO SOUSA

*Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte
solar.benu@gmail.com*

Situado à sombra das escarpas de Deir el-Bahari, em estreita proximidade com o templo funerário da rainha Hatchepsut, o túmulo de Bab el-Gassus figura entre as mais importantes descobertas arqueológicas de sempre. Descoberto em 1891, totalmente imperturbado desde os dias em que foi selado na Antiguidade, Bab el-Gassus (a expressão significa «Porta dos Sacerdotes») albergava os enterramentos de 153 sacerdotes e sacerdotisas de Amon da XXI dinastia (1069-945 a. C.). Apesar das circunstâncias acidentadas da sua descoberta e subsequente dispersão pelo mundo, o achado de Bab el-Gassus fornece aos investigadores um manancial documental único, particularmente no que diz respeito ao contexto original dos objectos e à sua disposição no túmulo. Baseando-nos nos relatórios publicados por Georges Daressy¹, procuramos com este artigo apresentar uma primeira leitura compreensiva do inventário do túmulo, uma tarefa que continua surpreendentemente em aberto e que é decisiva para compreender a integração de cada um dos enterramentos no contexto mais amplo do túmulo.

1. A descoberta e a divisão do espólio

A responsabilidade desta descoberta ficou-se a dever a um aldeão de Cheikh Abd el-Gurnah, Mohamed Abd el-Rassul, que ficou para a

posteridade como um dos mais famosos ladrões de antiguidades de sempre, mas o seu papel na história do túmulo de Bab el-Gassus seria muito diferente². Em Janeiro de 1891, Mohamed Abd el-Rassul alertou Eugène Grébaut, que na época era o Inspector Supremo do Serviço de Antiguidades Egípcias, para a forte possibilidade de existir um túmulo numa área ainda não explorada nas imediações do templo da rainha Hatchepsut. Seguindo o instinto de el-Rassul, em pouco tempo a equipa de arqueólogos pôs a descoberto um poço de onze metros de profundidade que havia sido cheio de areia, cascalho e pedras, algumas delas de grandes dimensões. No fundo do poço, já a onze metros de profundidade, os escavadores encontraram uma porta selada por tijolos. Eugène Grébaut solicitou então a colaboração de Georges Daressy e ambos iniciaram a exploração do túmulo. Uma vez removida a parede que selava o túmulo, um exame rápido bastou para indicar aos arqueólogos que estavam perante uma enorme sepultura colectiva como o famoso «esconderijo real» que havia sido descoberto, apenas dez anos antes, nas escarpas meridionais de Deir el-Bahari. No entanto, ao contrário deste túmulo (ao qual foi atribuído a referência TT 320), Bab el-Gassus afigurava-se totalmente inviolado.

Aquela que seria uma das maiores oportunidades de sempre para a arqueologia egípcia, tornar-se-ia, muito em breve, num dos seus grandes embaraços. A remoção deste imenso espólio verificou-se em pouco mais de uma semana³. Tal como, dez anos antes, as múmias dos faraós haviam sido expedidas para o Cairo, também as múmias dos sacerdotes e sacerdotisas de Amon, navegaram Nilo abaixo para o Museu de Guiza. Aí, os 254 ataúdes exumados em Deir el-Bahari criaram um problema logístico sem precedentes, somando-se, por seu turno, ao extenso espólio encontrado no esconderijo real (TT 320). Estava-se em 1893 e, por essa ocasião, Abbas II Hilmy seria em breve coroado *khediva* do Egipto. Esta circunstância política esteve na origem da decisão de oferecer parte do espólio de Bab el-Gassus aos países representados na cerimónia, entre os quais Portugal estava incluído. Feita a selecção dos melhores ataúdes para o Museu de Guiza, foram então feitos lotes com uma constituição mais ou menos equivalente, cada um deles apresentando cerca quatro ataúdes, sendo então sorteados pelos diplomatas. Durante a preparação para o embarque, no entanto, muitos erros se acumularam. As tampas e as caixas dos ataúdes foram separadas e, em muitos casos, trocadas. Já para não falar de trocas de último momento em que ataúdes com um destino previamente determinado acabaram por ser enviados para locais diferentes, como foi o caso do ataúde da cantora de Amon, Djedmutiuesankh, que inicialmente estava integrado entre as antiguidades

a conservar no Museu de Guiza, mas que, por razões desconhecidas, acabou por ser expedido para Portugal.

Em resultado desta operação, grande parte dos ataúdes de Bab el-Gassus rumou para os quatro cantos do mundo, dispersos por cerca de dezassete instituições museológicas. Com o tempo, a colecção dispersar-se-ia ainda mais e hoje o número de museus que apresenta objectos originários desta colecção ascende a várias dezenas, dispersos por todo o mundo desde Washington a Irkutsk, passando por Atenas, Berlim, Uppsala, Oslo, Bruxelas, Leiden, Florença, Vaticano, Londres e Lisboa, entre outros. Desde então os ataúdes de Bab el-Gassus passaram a acompanhar e a testemunhar silenciosamente as vicissitudes da atribulada história da humanidade ao longo do século XX, e é verdadeiramente espantoso que a lista dos ataúdes «desaparecidos» não seja maior, depois de duas guerras mundiais que devastaram a Europa e causaram estragos severos em muitas das grandes colecções museológicas.

Quanto às múmias, ficou decidido que essas permaneceriam no Egipto. Assistido por Fouquet, Georges Daressy começou de imediato o seu desenfaixamento, mas as circunstâncias que rodearam o seu estudo revelaram-se, desde o início, pouco claras. Sem avançar explicações, no famoso relatório publicado em 1908, Georges Daressy não incluiu 60 das múmias encontradas em Bab el-Gassus, indiciando que, pouco depois da sua chegada ao Cairo, estas múmias já se haviam «perdido». O próprio inventário elaborado por Daressy evidencia lacunas exasperantes, como a que indica na múmia A.143, afirmando inexplicavelmente que «le démaillement n'a pas été terminé», já que a múmia em questão se afigurava visivelmente como uma das mais importantes de Bab el-Gassus. Actualmente a situação afigura-se ainda mais grave, já que nem o paradeiro das 93 múmias examinadas por Daressy é conhecido.

2. Caracterização do túmulo

Bab el-Gassus é um dos maiores túmulos do Egipto, com as suas galerias atingindo uma dimensão total de 155 metros, portanto maior do que o próprio túmulo de Seti I e o famoso «esconderijo» das múmias reais (TT 320). A entrada para o túmulo encontra-se onze metros abaixo da superfície. Para aceder ao túmulo é necessário descer um poço situado junto ao muro setentrional do templo funerário de Hatchepsut, em Deir el-Bahari. O poço havia sido dissimulado na Antiguidade com rochas mas, uma vez retiradas, ficou imediatamente visível um pavimento circular que

selava a sua entrada. À medida que escavavam o poço, os arqueólogos encontraram duas camadas de entulho separadas entre si por dois pavimentos, um em tijolo seco ao sol, e outro, inferior, de pedra. A oito metros de profundidade, do lado norte do poço, os arqueólogos descobriram a entrada para uma câmara selada na Antiguidade com desperdícios de madeira e fragmentos de ataúdes. Seria neste contexto que Georges Daressy iria identificar fragmentos de um ataúde, actualmente perdido, que datou da XIX dinastia⁴. A onze metros de profundidade, na face meridional do poço, os escavadores encontraram uma abertura selada com uma parede de tijolos.

Bab el-Gassus é constituído por duas grandes galerias dispostas transversalmente entre si formando um L. A galeria principal, com cerca de 93 m de comprimento, avança para sul, apresentando uma largura que varia entre os 1,70 m e os 1,90 m. Ao fundo deste corredor estão dispostas duas câmaras funerárias contíguas de plano quadrangular. A primeira, mais larga, apresenta paredes com quatro metros de largura e comunica a leste, com uma outra câmara mais estreita. Um pouco antes de atingir estas câmaras, a 76 metros da entrada, foi escavada uma galeria secundária posicionada num eixo transversal ao da galeria principal. Escavada em direcção a oeste, a galeria secundária avança cerca de 54 metros para oeste, com uma largura sensivelmente idêntica à da galeria principal.

Uma das características mais interessantes do túmulo consiste no dispositivo arquitectónico criado para articular as duas galerias entre si: a entrada para a galeria transversal foi feita num plano situado dois metros abaixo do piso da galeria principal. Para articular os dois planos foi talhada uma escadaria de quinze degraus que conduzia a um patamar inferior. Aí, a escadaria muda de direcção e três degraus adicionais colocam o visitante perante a entrada da galeria transversal, a oeste, e perante um muro de dois metros, a sul. A galeria principal afigurava-se assim interrompida por uma espécie de fosso. Este ardil levava o visitante incauto a afastar-se do «núcleo duro» do túmulo: as duas câmaras escavadas na extremidade meridional da galeria principal.

Apesar da sua dimensão, as galerias de Bab el-Gassus encontravam-se totalmente desprovidas de decoração. Toscamente talhadas, as paredes do túmulo apresentam nichos escavados na rocha posicionados a uma distância regular (cerca de um metro e meio) destinados muito provavelmente à colocação de candelas.

Como tem sido avançado, é provável que a construção do túmulo tenha conhecido três fases. No entender de Georges Daressy, a pequena

câmara situada no próprio poço de acesso teria sido escavada muito antes da XXI dinastia, talvez no início da XVIII dinastia. Já na XXI dinastia, provavelmente no pontificado de Menkheperre⁵, ter-se-á decidido ampliar o túmulo, iniciando-se então a escavação da galeria principal e das câmaras meridionais. Numa terceira fase de ampliação, ter-se-á iniciado a construção da galeria transversal que permaneceu inacabada, já que os dois últimos metros do túnel apresentam um trabalho de escavação incompleto. É provável que o plano original para a galeria transversal tivesse incluído uma câmara como a que encerra a galeria principal⁶.

3. Caracterização do espólio

Quando, no dia 4 de Fevereiro de 1891, Georges Daressy, conseguiu enfim penetrar no túmulo, deparou-se com uma longa galeria escavada na rocha que se afigurava literalmente «entulhada» com ataúdes empilhados em cima uns dos outros. Em alguns locais estratégicos, sobretudo ao longo da galeria principal, os ataúdes estavam dispostos em três filas bloqueando totalmente o avanço para o interior do túmulo de tal forma que não era possível avançar nos corredores sem a sua remoção prévia. Era claro que a própria disposição dos ataúdes funcionava como uma barreira para dificultar o avanço no túmulo por intrusos⁷.

A galeria transversal não apresentava qualquer dispositivo defensivo deste tipo mas, sintomaticamente, um processo idêntico foi usado para bloquear a passagem entre as duas câmaras meridionais⁸.

Mais comumente, os ataúdes estavam dispostos em duas filas, uma de cada lado do corredor deixando livre um espaço central que possibilitava a passagem. De um modo geral, os ataúdes estavam dispostos com a cabeceira voltada para o interior do túmulo. Entre os ataúdes estavam dispostas estatuetas de Osíris, cofres de estatuetas funerárias ou mesmo imitações de vasos de vísceras. No momento da descoberta o chão estava coberto por flores, frutos e estatuetas funerárias que acidentalmente haviam caído dos cofres de madeira que as abrigavam devido ao seu próprio colapso. A atmosfera seca e perfeitamente isolada do túmulo permitiu que durante cerca de 3000 anos todos os materiais conservados no túmulo, orgânicos na sua esmagadora maioria, se tivessem preservado em perfeitas condições. No entanto, assim que o túmulo foi aberto, verificou-se uma rápida deterioração, patente sobretudo no revestimento dos ataúdes, que se reflectiu em fracturas e rachas com consequente perda do revestimento decorativo.

A remoção dos objectos iniciou-se a 5 de Fevereiro. A numeração dos objectos era feita por Georges Daressy, que atribuía um número de série a cada lote de ataúdes antes da sua remoção do túmulo, enquanto que, no exterior do túmulo, Grébaut e Bouriant atribuía um outro número de série, desta vez a cada um dos objectos que era revelado à luz do dia⁹.

Para além de ser um poucos túmulos encontrado imperturbado desde o seu encerramento na Antiguidade, o achado tinha ainda uma magnitude e uma riqueza verdadeiramente excepcionais. Os números que dispomos actualmente não são, infelizmente, exaustivos e, devido à dispersão dos objectos pelo mundo, o inventário completo do túmulo tem novamente de ser feito. Por agora podemos apenas basear-nos nos dados de Daressy. Os 153 enterramentos exumados do túmulo revelaram: 101 conjuntos de ataúdes antropomórficos duplos¹⁰; 52 ataúdes antropomórficos simples¹¹; 110 cofres de estatuetas funerárias¹²; 77 estatuetas osíriacas de madeira¹³; 8 estelas de madeira; 2 grandes estatuetas de Isis e Néftis (madeira); 16 vasos de vísceras¹⁴; 1 estrado; 10 cestos de junco; 5 cestos redondos; 2 leques; 5 pares de sandálias; 11 cestas de alimentos (carne, frutas, etc.); 6 cestas de grinaldas de flores; 5 vasos grandes; 5 potes de barro; 1 caixa com mãos e barbas divinas arrancadas dos ataúdes.

Após o transporte do espólio de Bab el-Gassus para o Cairo, o inventário dos achados do túmulo prosseguiu com o desenfaixamento das múmias que se iniciou em Maio de 1891, tarefa operada por Georges Daressy e Fouquet¹⁵.

Dos 153 enterramentos originais, apenas uma pequena parte das múmias exumadas em Bab el-Gassus foi publicada¹⁶. Um inventário sucinto dos objectos encontrados em cada uma das múmias desenfaixadas por Daressy e Fouquet permanece hoje a mais completa base documental deste acervo único¹⁷.

Apesar do seu carácter lacónico e frustrantemente parcimonioso, a lista de Daressy é preciosa e revela-nos, ainda assim, muitas das particularidades dos enterramentos de Bab el-Gassus. O revestimento da múmia é de suma importância, já que apresenta habitualmente inscrições que fornecem indicações acerca do nome e títulos do defunto, bem como indicações relativas ao faraó e ao sumo pontífice que se acredita serem coevos à confecção da múmia. Um adereço muito habitual nas múmias de Bab el-Gassus consiste num sudário interior decorado com a silhueta de Osíris (normalmente desenhada apenas com um contorno sumário) e o nome e títulos do defunto. O uso de camadas sucessivas de peças de linho, por vezes recorrendo a túnicas ou a outras peças de roupa usadas em vida, é também bastante frequente¹⁸. Outro dispositivo muito

comum nestas múmias, é a faixa de protecção colocada em redor do pescoço de forma a recriar a forma do signo sa, «protecção»¹⁹. Posicionado directamente sobre a múmia ou colocado no próprio revestimento exterior da múmia, este adereço é frequentemente inscrito com o nome e os títulos do sumo pontífice e/ou do faraó tanita em funções. Os nomes mais frequentemente registados são os de Menkheperre e de Pinedjem II, o que tem contribuído para corroborar uma datação tardia quer da construção do túmulo, quer da sua ocupação²⁰.

Quando desprovidas das suas faixas, cerca de 46 múmias revelaram um rolo de papiro (uma versão do «Livro dos Mortos», ou do *Livro de Amduat*)²¹, normalmente colocado entre as pernas²². No entanto, em alguns casos o papiro foi dobrado e colocado sobre as ancas²³, o ventre²⁴, o abdómen²⁵ (em contacto com a incisão da evisceração) ou sobre o tórax²⁶.

O equipamento mágico das múmias é bastante variável. Na sua versão mais simplificada, a múmia estava equipada apenas com uma plaquinha de cera gravada com o olho *udjat* que protegia a incisão do eviscerador situada no flanco esquerdo do abdómen. Para além deste amuleto, que é o mais comum entre as múmias de Bab el-Gassus²⁷, é também muito frequente o uso do escaravelho do coração²⁸ e do falcão (normalmente representado sobre uma placa metálica), com as asas abertas sobre a múmia²⁹. Dentro do cadáver é também frequente a deposição de quatro estatuetas de cera, normalmente alusivas aos quatro filhos de Hórus³⁰. Naturalmente, a conjugação destes objectos na mesma múmia é também muito frequente, pelo que podemos ter como um equipamento padrão o seguinte conjunto de amuletos: plaquinha de cera (incisa com o olho *udjat*), o escaravelho do coração, um falcão alado e, no interior do corpo, quatro estatuetas funerárias³¹.

Mais raramente, provavelmente conotados com um estatuto social superior, podem também ser encontrados sobre o cadáver diversos objectos «luxuosos» como amuletos cordiformes³², serpentes sagradas depositadas sobre a fronte da múmia³³ e peças de joalharia diversa como colares³⁴, pulseiras (normalmente colocadas sobre o pulso esquerdo)³⁵, anéis³⁶ e brincos³⁷. Pequenas colecções de amuletos podem por vezes figurar em torno do pescoço³⁸.

O uso de material orgânico é também frequente na decoração das múmias de Bab el-Gassus. É particularmente surpreendente o uso de bolbos de flores, usualmente colocados nas mãos e nos pés³⁹, isto para além do uso abundante de grinaldas de flores⁴⁰. Concomitante com o imaginário osíriaco associado à múmia é o uso de uma cobertura de lama sobre o corpo mumificado, habitualmente polvilhada com sementes

de cereais⁴¹. A cera, certamente devido às suas conotações solares, é abundantemente usada quer em amuletos, quer sobre o próprio cadáver, nomeadamente sobre as pálpebras⁴².

A acompanhar a múmia é frequente também a deposição de objectos, quer em contacto directo com a múmia, quer no «habitáculo» proporcionado pelo espaço disponível situado entre o ataúde exterior e o ataúde interior. Sandálias⁴³ e sapatos⁴⁴ são o adereço mais comum, mas é igualmente possível encontrar túnicas⁴⁵, enxoval de linho⁴⁶ e sobretudo cabeleiras⁴⁷. Outros objectos são raros, como um chicote⁴⁸ e um cofre com objectos apotropaicos⁴⁹.

Infelizmente Daressy é normalmente omisso quanto à caracterização da múmia em si. Sabemos, através dos seus registos, que algumas se apresentavam reduzidas ao estado de esqueleto⁵⁰ e não será certamente por acaso que estas múmias de pior qualidade tivessem sido posicionadas no troço inicial da galeria principal. A presença de idosos parece ser rara: apenas uma anciã é explicitamente mencionada no relatório⁵¹, mas parece depreender-se que um corcunda se encontrava igualmente entre os indivíduos mais idosos sepultados em Bab el-Gassus⁵². Jovens adultos, rondando os dezoito anos, são mais frequentes⁵³, assim como crianças, cuja presença é surpreendentemente elevada⁵⁴. Dos enterramentos de Bab el-Gassus é particularmente tocante o de uma mulher (A.83) que se fez acompanhar pela múmia de uma criança e que, entre o seu parco equipamento funerário, não esqueceu um par de sandálias para a criança que a acompanhava.

Destaca-se ainda que, apesar de intacto, o túmulo foi violado ainda antes do seu encerramento e por mãos que aparentemente conheciam bem o espólio, já que o saque se concentrou cirurgicamente em certas múmias: A.130, A.132 e A.143. Reflexo da acção depredatória destes saqueadores «infiltrados» é também a vandalização, igualmente cirúrgica, dos próprios ataúdes, já que alguns dos mais sumptuosos, decorados com folha de ouro nas faces e nas mãos, foram espoliados destes elementos. Em algum momento, alguns destes objectos foram reunidos num cesto e deixados para trás.

4. O significado de Bab el-Gassus na necrópole tebana

O grande túmulo colectivo de Bab el-Gassus documenta uma das viragens mais decisivas e radicais que se verificaram na ocupação da necrópole tebana ao longo da sua história. Provavelmente aproveitando

um túmulo mais antigo, talvez escavado no início da XVIII dinastia, os sacerdotes de Amon da XXI dinastia elegeram este local para construir um dos maiores túmulos da necrópole.

A escolha do local parece não ter sido fortuita, já que tanto Bab el-Gassus como o túmulo TT 320 se localizam nas imediações do circo montanhoso de Deir el-Bahari, portanto estreitamente associados com o santuário de Hathor que aí se erguia. Note-se que, no final do período ramsésida, um desabamento de terras havia sepultado os recintos templários de Mentuhotep II e de Tutmés III. O antigo templo funerário de Hatchepsut era agora o único templo sobrevivente e tudo indica que passou novamente a ser utilizado, já não como templo funerário da rainha, mas sim como santuário de Hathor e como repositório da barca sagrada de Amon, por ocasião da Bela Festa do Vale. Devido à relação simbólica entre Deir el-Bahari e Karnak, esta área tornou-se, ao longo da XXI dinastia, na zona de eleição para o sepultamento dos sacerdotes de Amon.

Não é possível determinar com exactidão o início da construção de Bab el-Gassus. É possível que as obras se tivessem iniciado ainda no pontificado de Menkheperé (1045-992 a. C) mas o pontificado de Pinedjem II (990-969 a. C.) é também uma possibilidade a ter em conta, embora porventura peque por ser demasiado tardia. Seja como for Bab el-Gassus constitui, sem sombra de dúvida, a mais importante realização empreendida pelos sumos sacerdotes de Amon da XXI dinastia, reflectindo a preponderância que, ao longo deste período, estas personalidades tiveram na organização e transformação da necrópole tebana, que aparentemente controlavam com total autonomia.

É impossível dissociar realizações como Bab el-Gassus e o túmulo TT 320 das operações levadas a cabo pelo templo de Amon para reorganizar a necrópole tebana ao longo da XXI dinastia. O tempo dos grandes faraós do Império Novo chegara ao fim e, sobretudo no final da XX dinastia, graves perturbações da ordem social levaram ao saque do Vale dos Reis. Tudo indica que uma das tarefas prioritárias para o pontificado tebano da XXI dinastia tenha sido a de controlar e reorganizar a necrópole, o que se repercutiu, em primeiro lugar, na remoção das múmias reais dos seus túmulos originais e na sua recuperação em oficinas (como o KV 65) instaladas no próprio local. Ao que parece esta operação foi acompanhada por um inventário cuidadoso das riquezas da necrópole e, bem entendido, da sua remoção e reaproveitamento.

A operação de remoção das múmias reais pelos sacerdotes de Amon não parece ter sido um fenómeno isolado. Pelo contrário, toda a necrópole tebana parece ter sido nessa altura o alvo de uma vasta

operação de «recuperação» dos bens materiais ainda encerrados nos túmulos, o que levou ao reaproveitamento destes valores quer pelos vivos quer pelos mortos. Os túmulos reais da XXI dinastia encontrados em Tânis documentam bem a amplitude destas operações de «reciclagem» dos bens funerários. A câmara tumular de Psusennes I (1039-991 a. C.), por exemplo, apresentava um sarcófago exterior originário do túmulo do faraó da XIX dinastia Merenptah (1213-1203 a. C.) e um sarcófago interior pertencente a um alto funcionário não identificado, cujas características estilísticas apontam para os finais da XVIII dinastia⁵⁵.

Só quase no final da XXI dinastia, durante o pontificado de Pinedjem II, é que as múmias reais foram reagrupadas em dois esconderijos, um destinado aos sumos pontífices de Amon situado nas escarpas de Deir el-Bahari (TT 320), e o outro, mais pequeno, no Vale dos Reis, aproveitando uma das câmaras do túmulo do faraó Amen-hotep II (KV 35).

A criação de Bab el-Gassus inscreve-se assim numa estratégia de reorganização da necrópole e configura um estádio já bastante avançado deste processo. Inicialmente, o mais provável é que os túmulos de Cheikh Abd el-Gurna, Assassif e Khokha, tenham também eles sido espoliados dos seus enterramentos originais e utilizados para receber enterramentos intrusivos. A escavação de Bab el-Gassus denota uma organização da necrópole com um carácter fortemente corporativo, no sentido em que todo o território da necrópole, e todos os seus recursos, eram geridos por uma colectividade.

Neste sentido, Bab el-Gassus é a expressão plena da visão corporativa do Além que se impôs ao longo da XXI dinastia. Como tal, este túmulo era certamente visto como um recurso e, como tal, tinha que ser gerido. Ora é neste ponto que pairam mais incógnitas. Em primeiro lugar, devemos-nos questionar como é que o túmulo foi ocupado. Terá permanecido aberto durante um período mais ou menos alargado e tendo sido ocupado paulatinamente? Ou terá sido ocupado, como defende Niwiński, numa operação rápida de forma a não atrair as atenções⁵⁶?

Os inventários de Georges Daressy estão longe de responder a esta questão, mas o estudo paulatino das colecções de ataúdes dispersas pelo mundo certamente revelará algumas pistas úteis. Atendendo à constituição muito heterogénea dos ocupantes de Bab el-Gassus é bastante provável que o templo de Amon tenha organizado centralmente estas operações. A própria organização do túmulo indicia uma tal disposição centralizada como indicia a deposição dos próprios enterramentos no interior do túmulo. A área «nobre» do túmulo é claramente constituída pelas duas câmaras meridionais da galeria principal. Seguem-se, em ordem de importância

decrecente, a galeria transversal e o troço setentrional da galeria principal. Concomitante a esta valorização do espaço no interior do túmulo, é visível que nas câmaras meridionais, e nas suas imediações, foram colocados os enterramentos de alguns dos filhos do sumo pontífice Menkheperre, assim como uma das filhas do próprio Pinedjem II, com destaque para Maatkaré. Seguir-se-ia a deposição de enterramentos de elite na galeria transversal (concentrados na extremidade oeste, bem entendido) e finalmente a área menos nobre, a galeria principal, onde, salvo raras excepções, a qualidade dos ataúdes é significativamente inferior em relação aos enterramentos das áreas mais «nobres». No que diz respeito ao núcleo egípcio da Sociedade de Geografia de Lisboa não podemos senão confirmar esta organização, atendendo às diferenças qualitativas apresentadas pelos vários conjuntos de ataúdes. O ataúde A.4, para começar, é, visivelmente, um trabalho de qualidade bastante inferior e o seu posicionamento logo à entrada do túmulo corrobora na perfeição a organização do túmulo por critérios de ordem social. O conjunto A.27, também encontrado na galeria principal, fazia parte da quarta barreira de ataúdes que bloqueava o acesso ao túmulo, e também ele revela uma qualidade técnica bastante inferior. Já o ataúde A.110, situado na extremidade da galeria transversal, apresenta uma qualidade técnica de nível claramente superior. Independentemente da sua qualidade artística, é relevante sublinhar que também as características do programa decorativo revelam um nível de complexidade e de intencionalidade que podem ser considerados raros. O conjunto duplo A.136, por seu turno, foi encontrado na câmara meridional, portanto num espaço claramente privilegiado, e algumas das suas características configuram efectivamente um enterramento excepcional.

Um outro dado merece ser destacado: ao contrário da prática corrente, uma parte muito significativa dos enterramentos de Bab el-Gassus é anónima. Muitos dos ataúdes não foram providos de qualquer inscrição explicitando sequer o nome do proprietário, e, mesmo quando o fazem, a indicação dos títulos permanece sumária e surpreendentemente lacónica. Ao contrário do que seria expectável, o carácter anónimo de um enterramento não apresenta uma correlação directa com um baixo estatuto social. É verdade que alguns dos mais «pobres» enterramentos são anónimos, como o ataúde A.4 bem documenta, no entanto, no escalão oposto também se detecta um número muito significativo de ocorrências de enterramentos anónimos, entre os quais se contam os ataúdes A.128, A.131 e 134, todos situados na secção meridional da galeria principal e nas câmaras meridionais do túmulo. Outra questão que exigirá um estudo atento, é a

ocorrência em grande número de usurpações de património funerário. Os ataúdes do enterramento A.110, da Sociedade de Geografia de Lisboa, testemunham justamente este fenómeno: o nome de Chedsutauemet foi apagado e sobre ele foi redigido o nome de Djedmutiesankh. Noutros casos o nome do proprietário foi simplesmente apagado⁵⁷.

A deposição dos enterramentos no túmulo em função de uma organização espacial determinada por critérios de cariz social faz supor que grande parte destas múmias e dos respectivos ataúdes tivessem sido sepultados ou armazenados previamente noutros locais da necrópole e que, por critérios que ainda não são claros, foram a certa altura seleccionados para integrarem o espólio de Bab el-Gassus. Seja como for, é altamente improvável que o túmulo tivesse sido selado e reaberto repetidamente para introduzir novos enterramentos. No entanto, a ocupação do túmulo é suficientemente complexa para que tenha sido implementada numa única «operação relâmpago» como advoga Niwiński⁵⁸.

O critério para a inclusão de enterramentos no túmulo colectivo está longe de ser uniforme. À primeira vista, a população aí reunida é muitíssimo heterogénea: uma percentagem idêntica de homens e mulheres é o primeiro dado a saltar à vista, assim como a diferença de idades: para além de adultos, há também múmias de crianças, de jovens e de idosos. As diferenças de estatuto social que se inferem pela qualidade dos artefactos funerários e do equipamento da múmia são também significativos. Mas, pelo menos neste caso, os enterramentos mais humildes parecem ter sido incluídos claramente com o intuito de criar uma barreira defensiva e de desmotivar potenciais intrusos para a prossecução no interior do túmulo, e não tanto com o propósito de criar um horizonte «igualitário» entre os ocupantes de Bab el-Gassus. Seja como for, a organização interna do túmulo terá requerido seguramente um tempo relativamente alargado. Os indícios encontrados levam a supor que o encerramento do túmulo não poderá ter ocorrido antes de Psusennes II⁵⁹.

Por ironia, é sintomático que, apesar de todos os esforços depositados no controlo da necrópole para assegurar a sua segurança, se detectem no próprio túmulo de Bab el-Gassus sinais inquietantes do seu carácter precário. Em primeiro lugar, uma análise rápida da disposição dos ataúdes revela que o túmulo estava ainda longe da sua capacidade máxima no momento em que foi encerrado. A galeria transversal, em particular, revela um índice de ocupação bastante reduzido já que grande parte do seu corredor apresenta apenas uma única fila de ataúdes (alinhados com a parede direita do túnel). Embora só um estudo empírico possa responder a esta questão, de momento parece viável admitir que, depois de ocupar

totalmente as câmaras meridionais e o último troço da galeria principal, os organizadores desta mega operação de transferência de ataúdes tivessem começado por ocupar a extremidade da galeria transversal. Note-se que, nesta área, o empilhamento de ataúdes uns sobre os outros é a regra em ambas as filas, o que faz supor que estava previsto um nível de ocupação muito intenso para toda a galeria.

Seguiu-se o alinhamento dos ataúdes ao longo da parede direita da galeria transversal, provavelmente com o intuito de proceder à ocupação posterior da parede esquerda. Note-se que esta fila apresenta igualmente um nível de empilhamento de ataúdes muito significativo, um dado que parece incongruente com o espaço deixado vago na parede oposta.

O mesmo padrão se detecta na ocupação da galeria principal: a parede direita foi completamente ocupada, mas a parede esquerda só foi ocupada junto à entrada. Além do mais, o empilhamento de ataúdes também só se faz sentir junto à entrada. No total são 21 os lugares deixados vagos em ambas as galerias e, atendendo a que o empilhamento de ataúdes era a regra, a capacidade do túmulo podia facilmente ter alcançado os 200 enterramentos, em vez dos 153 que efectivamente recebeu. Assim, por razões que desconhecemos, é visível que num dado momento o templo de Amon decidiu encerrar o túmulo apesar da sua capacidade estar ainda longe de ter sido esgotada.

As pistas que nos ajudam a entender as razões que motivaram esta decisão, que certamente não era esperada, podem ser encontradas um pouco por todo o lado, dispersas ao longo do túmulo, e que apontam para uma grande instabilidade no momento do encerramento do túmulo.

Alguns dos mais sumptuosos ataúdes de Bab el-Gassus apresentavam originalmente as mãos e o rosto revestidos com folha de ouro. No entanto, muitos destes exemplares, certamente os mais esplêndidos, foram vandalizados: as mãos e rosto foram grosseiramente arrancados. Tais ocorrências mostram que os próprios operacionais responsáveis pelo enterramento se sentiam suficientemente à vontade para que, no segredo do túmulo, pudessem remover as peças douradas que, uma vez queimadas, poderiam render algumas gramas de ouro. O pior é que a vandalização não se ficou por aqui. Muitas das múmias, até as que se encontravam na «segurança» das câmaras meridionais, foram maltratadas e parte do seu espólio foi selectivamente retirado. E nem o facto de estarem protegidas por um «fosso» de quase dois metros de altura impediu esta expropriação. O próprio Georges Daressy reporta que encontrou, ainda *in situ*, pistas dessa acção depredatória: encostado ao muro meridional do fosso central estava o tampo de um ataúde antropomórfico que aparentemente teve a

utilização inusitada e desenvolta para funcionar como escadote: através dele o «visitante» vencia o desnível da parede trepando pelos braços e cabeça do objecto e desse modo içava-se para a plataforma que dava continuidade à galeria principal. Afinal, as múmias que foram abertas pelos intrusos⁶⁰ concentravam-se no troço meridional da galeria principal e na própria câmara funerária⁶¹. Também os ataúdes vandalizados se concentravam exactamente na mesma área⁶². Em contraste, os enterramentos depositados na galeria transversal, que se desejava ser «mais exposta» à cobiça dos eventuais ladrões de túmulos, acabaram por permanecer imperturbados, o que atesta o grau de conhecimento do espólio de Bab el-Gassus por parte daqueles que empreenderam o saque. De facto, o carácter altamente selectivo destas operações torna muito provável o envolvimento dos próprios organizadores nesta acção de rapina, e é provável que o encerramento, mais cedo do que o previsto, do túmulo, tivesse sido motivado pela sua própria necessidade ingente de ocultar precipitadamente os vestígios, afinal bem visíveis, do seu crime. Apesar de ter sido encontrado intacto, a verdade é que, ainda antes do seu encerramento definitivo, o túmulo começara a ser pilhado, documentando assim que, apesar de todos os esforços do templo de Amon, a necrópole tebana continuava a ser um terreno muito difícil de controlar e que um tal esforço se revelava fracturante no próprio seio da hierarquia amoniana.

Independentemente destas questões, não há dúvida que os ataúdes dos 153 sacerdotes e sacerdotisas de Amon que foram encontrados em Bab el-Gassus acusam uma nova visão, de carácter fortemente corporativo, acerca da imortalidade e da vida no Além. Mais do que assente na materialidade do culto do *ka*, cuja vulnerabilidade era perfeitamente evidente nesses tempos conturbados, os sacerdotes de Amon contavam com um bem infinitamente mais valioso: o conhecimento. Reflexo desta valorização está bem patente na abundância de papiros encontrados no túmulo: estima-se que mais de uma centena de livros foram aí depositados, isto para não falar dos próprios ataúdes, cujas paredes internas e externas foram profusamente decorados com composições de carácter teológico, por vezes muito elaborado. Nesse aspecto, a visão da imortalidade que perpassa nos enterramentos de Bab el-Gassus é verdadeiramente congruente com o exercício profissional destes homens e destas mulheres que partiam para o Além investidos essencialmente de uma dignidade sacerdotal e era essencialmente munidos de conhecimento (expresso na abundante iconografia que os rodeava) que aspiravam à imortalidade.

Surpreendentemente, nesta nova visão corporativa da imortalidade as mulheres desempenhou um papel preponderante já que o seu peso

nestes túmulos colectivos é bastante significativo, contrariando assim a prática tradicional que reservava às mulheres uma participação claramente secundária nas fundações funerárias. O acervo da Sociedade de Geografia de Lisboa reflecte justamente a preponderância das cantoras divinas de Amon nesta corporação funerária, já que todos os ataúdes e coberturas de múmia foram utilizados por mulheres.

No seu conjunto, os materiais provenientes de Bab el-Gassus reflectem admiravelmente as contingências políticas do seu tempo e o modo como estas influenciaram uma importante viragem nas crenças associadas ao Além. Estes ataúdes são portanto um testemunho precioso sobre o efeito de uma grave crise política e social nas milenares tradições egípcias relacionadas com a morte⁶³.

Os estudos já efectuados sobre os materiais de Bab el-Gassus conservados na Sociedade de Geografia de Lisboa, cuja publicação está em preparação, são reveladores do intenso dinamismo material e social que agitava a necrópole tebana nesta época. A investigação neste domínio não só permitirá contribuir para o conhecimento deste núcleo, mas também, assim o esperamos, para a compreensão da real magnitude deste achado cuja real importância tem permanecido esquecida.

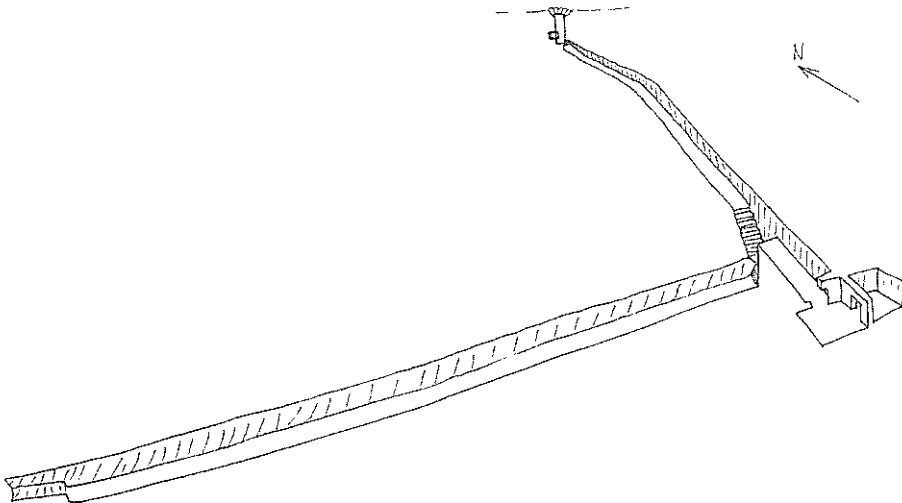


Fig. 1 – O túmulo de Bab el-Gassus. Desenho do autor baseado no diagrama de LIPINSKA, «Bab el-Gusus: Cache-tomb of the priests & priestesses of Amen», *Kemit* 4 (1993-1994), p. 53

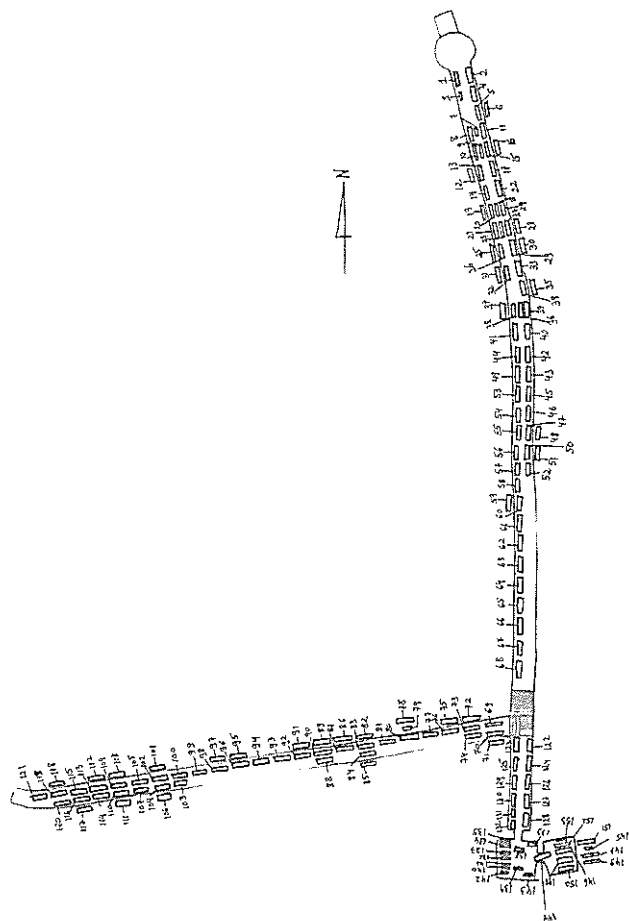


Fig. 2 – Disposição dos enterramentos no interior do túmulo de Bab el-Gassus. Desenho do autor a partir do diagrama de NIWIŃSKI, *XXI Dynasty Coffins from Thebes*, table 1, corrigido a partir das anotações do arqueólogo em DARESSY, «Les sépultures des prêtres d’Ammon à Deir el-Bahari», *ASAE* 1 (1900), pp. 141-148.

Notas

⁽¹⁾ Embora não sejam muito detalhados os relatórios de escavação publicados por Georges Daressy permanecem uma importante fonte de informação para contextualizar a descoberta do espólio de Bab el-Gassus. O relatório que descreve o túmulo e a disposição dos ataúdes pode ser consultado em DARESSY, «Les sépultures des prêtres d’Ammon à Deir el-Bahari», *ASAE* 1 (1900), pp. 141-148. O relatório que descreve o loteamento do espólio do túmulo e a descrição do exame das múmias pode ser consultado em DARESSY, «Les cercueils des prêtres d’Ammon (Deuxième trouvaille de Deir el-Bahari)», *ASAE* 8 (1907), pp. 3-38.

⁽²⁾ Apenas dez anos antes, em 1881, Gaston Maspero conseguiu, com a colaboração de Mohamed Abd el-Rassul, desmantelar a rede de tráfico que explorava, em benefício da família Abd el-Rassul, os tesouros depositados no esconderijo real de Deir el-Bahari. Descoberto por Ahmed Abd el-Rassul, a existência deste túmulo permaneceu em segredo, apesar dos esforços das autoridades para o localizar. Foi devido a um desentendimento familiar que Mohamed Abd el-Rassul, o irmão mais velho de Ahmed, acabou por revelar às autoridades a localização daquele importante túmulo.

⁽³⁾ As razões para toda esta pressa resultavam em parte da tensão que o resgate das múmias reais suscitara nos habitantes locais, apenas dez anos antes. O resgate das múmias veneráveis dos faraós suscitou grande comoção entre os habitantes locais que, à semelhança dos cortejos fúnebres da Antiguidade, acompanharam, com choros e lamentos estridentes, a trasladação das múmias reais para o barco ancorado no Nilo e que as havia de levar para o Cairo.

⁽⁴⁾ Esta datação é contestada por Niwiński, muito embora não exista actualmente qualquer pista acerca do objecto; ver «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache in Deir el-Bahari», *JEA* 70 (1984), p. 76.

⁽⁵⁾ Para Niwiński, a construção do túmulo ter-se-ia iniciado no pontificado de Pinedjem II, sendo portanto coeva da construção do túmulo de Pinedjem II (TT 320), o célebre «esconderijo» das múmias dos faraós do Império Novo. Ver NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache», *JEA* 90 (1984), pp. 77-78. Ver estudo actualizado de TT 320 em GRAEFE, BELOVA, «The Royal Cache TT 329: New Investigations 1998, 2003, and 2004», *ASAE* 80 (2006), pp. 207-217

⁽⁶⁾ NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache», *JEA* 90 (1984), p. 74

⁽⁷⁾ Cinco barreiras de ataúdes foram colocadas na galeria principal: a primeira era constituída pelos enterramentos A.8, A.7 e A.11, a segunda pelos enterramentos A.10, A.9, A.15-16, a terceira pelos ataúdes A.19-20, A.18 e A.24 a quarta pelos ataúdes A.21, A.23, A.28-27 e a quinta pelos ataúdes A.37-38, A.36 e A.39.

⁽⁸⁾ É o caso do enterramento A.144 que foi colocado na passagem entre as duas câmaras por forma a bloquear a passagem.

⁽⁹⁾ Cada objecto de um mesmo enterramento recebia portanto um número de série específico. Os tampos, as arcas dos ataúdes, as coberturas de múmia, assim como todos os objectos achados nos corredores, recebiam uma numeração específica. Não obstante, a numeração mais útil continua a ser a série de Daressy, já que a eia corresponde a uma posição exacta no contexto do túmulo.

⁽¹⁰⁾ Os conjuntos duplos são constituídos por um ataúde exterior, um ataúde interior e normalmente por uma cobertura de múmia.

⁽¹¹⁾ Constituído por um ataúde interior e, em alguns casos, por uma cobertura de múmia.

⁽¹²⁾ Infelizmente nenhuma estimativa é indicada por Daressy quanto à composição de cada um destes cofres. No entanto devido ao uso abundante de estatuetas funerárias ao longo deste período, o número destes objectos encontrados no túmulo é muitíssimo elevado, seguramente na ordem dos milhares.

⁽¹³⁾ Na sua maior parte, estas estatuetas eram ocas e continham um papiro funerário. Uma vez mais o relatório de Daressy é omissivo quanto ao número de papiros encontrados neste contexto. A este número, que admitimos ser próximo de setenta, acrescentamos os 46 papiros encontrados entre as múmias. O valor total de papiros encontrados em Bab el-Gassus será, portanto, superior a uma centena.

⁽¹⁴⁾ Daressy não especifica o tipo de vasos de vísceras encontrados mas era comum usar neste período «imitações» de vasos de vísceras, já que os órgãos eram habitualmente conservados no interior da múmia.

⁽¹⁵⁾ Ver DARESSY, «Contribution à l'étude de la XXI dynastie», *Revue Archéologique*, 1896, pp. 72-91.

⁽¹⁶⁾ DARESSY, «Procès verbal d'ouverture de la momie n° 29707», *ASAE* 3 (1902), pp. 151-154, SMITH, «Report on the four mummies», *ASAE* 4 (1903), pp. 156-160, DARESSY, «Inscriptions sur les objets accompagnant la momie de Ta-du-Maut», *ASAE* 3 (1902), pp. 155-157, DARESSY, «Ouverture des momies provenant de la Seconde Trouvaille de Deir el-Bahari», *ASAE* 4 (1903), pp. 150-155, DARESSY, «Procès verbal d'ouverture de la momie n° 29707», *ASAE* 3 (1902), pp. 151-154.

⁽¹⁷⁾ Georges DARESSY, «Les cercueils des prêtres d'Ammon (Deuxième Trouvaille de Deir el-Bahari)», *ASAE* 8 (1907), pp. 3-38. No entanto, lamentavelmente, esta lista não é exaustiva, já que, apesar de terem permanecido no Egito, 60 das 153 múmias originais são omissas no relatório de Daressy, sem que qualquer explicação seja avançada para as graves lacunas. Hoje a situação afigura-se ainda mais grave já que o paradeiro das múmias se perdeu.

⁽¹⁸⁾ Ver A.38, A.108 ou A.133 que revelaram túnicas entre as faixas da múmia. Luvas (A.45 e A.48) e meias (A.45) foram igualmente integradas no espólio destas múmias. Em muitos casos, as peças de linho incluídas neste contexto apresentam o selo do templo de Amon-Ré, ou do templo de Khonsu.

⁽¹⁹⁾ Note-se que, em inglês, este adereço é normalmente designado «mummy braces», que pode ser traduzido como «cintura (de apoio) de múmia». A expressão «faixa de protecção» é proposta tendo em conta o significado «hieroglífico» deste adereço.

⁽²⁰⁾ As inscrições colocadas nas faixas de protecção das múmias tem sido usada pela historiografia como o principal suporte para estimar a duração dos pontificados tebanos e dos reinados tanitas. No entanto, estas estimativas pressupõem que a confecção da múmia é coeva da inscrição na faixa de protecção, o que não é garantido.

⁽²¹⁾ Por vezes, o livro de papiro é colocado sobre o peito (A. 81, A.98), sobre o ventre (A.113) ou mesmo em redor de certas partes do corpo como é o caso do flanco esquerdo (A.127, A.150) ou em redor das pernas (A.152). A localização do papiro funerário em proximidade com o corpo parece ter tido propósitos apotropaicos, como sugere assimilação entre o papiro e a plaquinha (decorada com o olho *udjat*) que tradicionalmente protegia a incisão do eviscerador no flanco esquerdo do abdómen (A.127 e A.150).

⁽²²⁾ Em alguns casos regista-se a duplicação do papiro e para além do rolo depositado entre as pernas, foi encontrado outro papiro posicionado no peito (A.98), no pescoço (A.91) ou no flanco esquerdo (A.127). Mais raramente os papiros foram encontrados na axila e no flanco (A.150).

⁽²³⁾ A.58, A.83.

⁽²⁴⁾ A.113.

⁽²⁵⁾ A.127.

⁽²⁶⁾ A.98, A.81.

⁽²⁷⁾ A plaquinha gravada com o olho *udjat* foi encontrada em 45 múmias.

⁽²⁸⁾ O escaravelho do coração foi encontrado em 43 múmias.

⁽²⁹⁾ Habitualmente talhado numa folha de metal, o falcão foi encontrado em 19 múmias.

⁽³⁰⁾ Estes objectos foram encontrados em 18 múmias. Por vezes, em vez das estatuetas dos quatro filhos de Hórus são introduzidos simples uchebtis, provavelmente usados como recurso. Tal parece ser o caso da múmia A.32. Ver SMITH, «An account of the mummy of a priestess of Amen supposed to be Ta-usert-em-suten-pa», *ASAE* 7 (1906), pp. 155-160.

⁽³¹⁾ É o caso da múmia A.38. Ver também A.48 ou A.106 em DARESSY, «Les cercueils des prêtres d'Ammon (Deuxième Trouvaille de Deir el-Bahari)», *ASAE* 8 (1907), pp. 3-38.

⁽³²⁾ Registámos nove ocorrências deste objecto.

⁽³³⁾ Registámos quatro ocorrências (A.85, A.98, A.127 e A.151). O uso destes objectos prende-se com o significado apotropaico da serpente *iafet* que adorna a frente dos elementos da família real.

⁽³⁴⁾ Registámos oito ocorrências, desde simples colares de contas, a outros reunindo colecções de amuletos vários.

⁽³⁵⁾ Registámos três ocorrências (A.50, A.133 e A.139).

⁽³⁶⁾ Ver A.50 e A.83.

⁽³⁷⁾ Ver A.50.

⁽³⁸⁾ Ver por exemplo, A.65, A.84 e A.125.

⁽³⁹⁾ Ver A.82 e A.120. Ver também A.151 e A.127.

⁽⁴⁰⁾ Ver A.66, A.72, A.77, A.116, A.127, A.134, A.148 e A.151.

⁽⁴¹⁾ Ver A.129.

⁽⁴²⁾ Ver A.133.

⁽⁴³⁾ Ver A.50, A.72, A.127, e A.129.

⁽⁴⁴⁾ Ver A.66, A.72, A.83.

⁽⁴⁵⁾ Ver A.72.

⁽⁴⁶⁾ É o caso da múmia A.64 que o apresenta arrumado na arca exterior. No entanto, é corrente a inclusão de «lençóis» de linho no enfaixamento da múmia.

⁽⁴⁷⁾ Ver A.72, A.17, A.116.

⁽⁴⁸⁾ Ver A.24.

⁽⁴⁹⁾ Ver A.83 e A.127.

⁽⁵⁰⁾ Ver A.6 e A.25.

⁽⁵¹⁾ Ver A.133.

⁽⁵²⁾ Ver A.35.

⁽⁵³⁾ Ver A.20, A.50 e A.127.

⁽⁵⁴⁾ Ver A.3, A.7, A.129 e A.145.

⁽⁵⁵⁾ Ver Pierre MONTET, *Les constructions et le tombeau de Psousennès I à Tanis*, Paris, 1951.

⁽⁵⁶⁾ Niwinski defende que todo o espólio do túmulo aí foi depositado numa operação rápida que não terá demorado mais do que alguns dias. A pressa dever-se-ia ao acesso relativamente fácil ao local, situado junto do muro que delimitava o recinto templário de Hatchepsut. NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache», *JEA* 90 (1984), p. 76.

⁽⁵⁷⁾ Ver A.149.

⁽⁵⁸⁾ NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache», *JEA* 90 (1984), p. 76

⁽⁵⁹⁾ A múmia A. 66, com referência ao reinado de Psusennes II, fornece a datação *terminus ante quem non* para o uso do túmulo de Bab el-Gassus. Em NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache», *JEA* 90 (1984), p. 77.

⁽⁶⁰⁾ A.28, A.130, A.132, A.143

⁽⁶¹⁾ Apenas o ataúde A.28 se localizava na secção norte da galeria principal, mas neste caso a imponência do ataúde exterior terá certamente contribuído para chamar a atenção dos assaltantes. Note-se que também a cobertura de múmia do ataúde A. 26 e também na cobertura de múmia do ataúde A.27, actualmente conservado na Sociedade de Geografia de Lisboa) regista vestígios de vandalização, que provavelmente ocorreu em simultâneo. Note-se que, num caso como no outro se trata de objectos interiores e portanto ocultos do olhar dos inspectores.

⁽⁶²⁾ A.133, A.142, A.147, A.151.

⁽⁶³⁾ Sobre o enquadramento histórico da XXI dinastia ver K. KITCHEN, *The Third Intermediate Period in Egypt* (1100-650 BC), Warminster: Aris & Phillips, 1986.

Bibliografia

Luís Manuel de ARAÚJO, «Henut-taui: Uma dama do Antigo Egipto», em *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, II vol., Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 67-80.

Luís Manuel de ARAÚJO, *Estatuetas Funerárias Egípcias da XXI Dinastia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

Luís Manuel de ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto: O clero amoniano no Império Novo e no pontificado tebano da XXI dinastia*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

Émile CHASSINAT, *Catalogue Général des Antiquités Égyptiennes du Musée du Caire*, n° 6001-6029: *La seconde trouvaille de Deir el-Bahri (sarcophages)*, Leipzig, 1909.

Georges DARESSY, «Les cercueils des prêtres d'Ammon (Deuxième trouvaille de Deir el-Bahari)», *ASAE* 8 (1907), pp. 3-38.

Georges DARESSY, «Ouverture des momies provenant de la Seconde Trouvaille de Deir el-Bahari», *ASAE* 4 (1903), pp. 150-155.

Georges DARESSY, «Procès verbal d'ouverture de la momie n° 29707», *ASAE* 3 (1902), pp. 151-154.

Georges DARESSY, «Inscriptions sur les objets accompagnant la momie de Ta-du-Maut», *ASAE* 3 (1902), pp. 155-157.

Georges DARESSY, «Les sépultures des prêtres d'Ammon à Deir el-Bahari», *ASAE* 1 (1900), pp. 141-148.

Michel DEWACHTER, «Contribution à l'histoire de la Cachette Royale de Deir el-Bahari», em *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie* 74 (1975), Paris, pp. 19-32.

Ergart GRAEFE, Galina BELOVA, «The Royal Cache TT 329: New Investigations 1998, 2003, and 2004», *ASAE* 80 (2006), pp. 207-217.

Kenneth KITCHEN, *The Third Intermediate Period in Egypt* (1100-650 BC), Warminster: Aris & Phillips, 1986.

- Jadwiga LIPINSKA, «Bab el-Gusus: Cache-tomb of the priests & priestesses of Amen», *Kemit* 4 (1993-1994), pp. 48-60.
- Pierre MONTET, *Les constructions et le tombeau de Psousennès I à Tanis*, Paris, 1951.
- Saphinaz-Amal NAGUIB, *Le Clergé Féminin d'Amon Thébain à la 21e Dynastie*, Orientalia Lovaniensia Analecta, Lovaina: Peeters, 1990
- Andrzej NIWIŃSKI, «*The Book of the Dead on the Coffins of the 21st Dynasty*», in H. Backes, I. Munro, S. Stöhr, *Totenbuch-Forschungen: Gesammelte Beiträge des 2. Internationalen Totenbuch-Symposiums*, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2006, pp. 245-264.
- Andrzej NIWIŃSKI, «*Iconography of the 21st dynasty*», in Christoph Uehlinger (dir), *Images as Media: Sources for the cultural history of the Near East and the Eastern Mediterranean (1st millennium BCE)*, Orbis Biblicus et Orientalis, University Press Fribourg, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000, pp. 21-43.
- Andrzej NIWIŃSKI, *XXI dynasty Coffins from Thebes: Chronological and Typological Studies*, Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1988.
- Andrzej NIWIŃSKI, «The Bab el-Gusus tomb and the Royal Cache in Deir el-Bahari», *JEA* 70 (1984), pp. 73-81.
- Elliot SMITH, «An account of the mummy of a priestess of Amen supposed to be Ta-usert-em-suten-pa», *ASAE* 7 (1906), pp. 155-160.
- Elliot SMITH, «Report on the four mummies», *ASAE* 4 (1903), pp. 156-160.
- Rogério SOUSA, *The Heart of Wisdom: Studies on the Heart Amulet in Ancient Egypt*, S2211, Oxford: British Archaeological Reports, 2011.
- Rogério SOUSA, «“Área de acesso reservado”: Tradição e mudança na organização da necrópole tebana», *Cultura, Espaço e Memória* 2 (2011), Porto (no prelo).
- Rogério SOUSA, «O rosto misterioso: memória material num objecto anónimo de uma sacerdotisa de Amon (ataúde A.4 da Sociedade de Geografia de Lisboa)», *Cultura, Espaço e Memória* 3 (2011), Porto (no prelo).
- Rogério SOUSA, «The coffin of an anonymous woman from Bab el-Gasus (A.4) in Sociedade de Geografia de Lisboa», *Journal of the American Research Center in Egypt* 46 (2010), San Antonio, Cairo, pp. 185-200.
- Rogério SOUSA, «O Regresso à Origem: O tema da viagem na iconografia funerária egípcia da XXI dinastia», *Cultura, Espaço e Memória* 1 (2010), Porto, pp. 162-164.
- Rogério SOUSA, *Iniciação e Mistério no Antigo Egípto: O Caminho de Transformação do Coração*, Lisboa: Ésquilo, 2009.
- Rogério SOUSA, «Animal and Human Headed Heart Amulets: Symbolism and Meaning», *Bulletin de la Société Egyptologique de Genève* 28 (2008-2010), Genebra, pp. 1-11.
- Rogério SOUSA, «The Papyrus of Nesipautitai (SR 1025): an iconographical reading», *Aegyptus* 88 (2008), Milão, pp. 257-272.
- Rogério SOUSA, «O imaginário simbólico da criação do mundo no antigo Egípto», em *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, II vol., Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 313-334.